FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO

Meu Alento: envelhecer é reinventar o corpo e desafiar o tempo

Por Bob Sousa[1]

Em “Meu Alento”, do Coletivo Meu Alento, o envelhecimento deixa de ser representado como um processo de perdas para se afirmar como território de descobertas, desejos e reinvenções. Na programação da 40ª edição do FestiVale, o espetáculo apresenta Gertrudes e Jaule, dois personagens idosos que encontram na brincadeira uma maneira de enfrentar as adversidades da existência. Com humor, poesia e linguagem circense, a montagem desloca o olhar convencional sobre a velhice e confronta, sem recorrer ao discurso panfletário, os imaginários sociais que associam o avanço da idade à fragilidade, à improdutividade e à progressiva retirada dos sujeitos da vida social.

O etarismo, muitas vezes naturalizado nas relações cotidianas, manifesta-se justamente na tendência de estabelecer limites para aquilo que uma pessoa pode desejar, realizar ou experimentar em determinada etapa da vida. “Meu Alento” confronta essa lógica ao apresentar corpos que não aceitam a imobilidade como destino. Interpretados por Guilherme Lira e Heloísa Oliveira, Gertrudes e Jaule transformam atividades domésticas em pequenas aventuras, enfrentam desafios físicos, equilibram-se, realizam acrobacias e manipulam objetos, fazendo de situações aparentemente banais acontecimentos de grande expressividade cênica. O que poderia ser percebido como dificuldade converte-se em jogo, o obstáculo transforma-se em oportunidade e o corpo, frequentemente submetido às expectativas sociais sobre o envelhecer, recupera sua condição de espaço de liberdade e invenção.

É nessa inversão de perspectivas que reside uma das qualidades poéticas do espetáculo. Em vez de construir personagens a partir das limitações atribuídas à velhice, a encenação

[1]**Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp (com orientação da Profª Drª Simone Carleto Fontes), onde também obteve o título de mestre em Artes (com orientação do Profº Drº Alexandre Mate). É jurado de Teatro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Artes – e de Artes Visuais do Prêmio Arcanjo de Cultura. Autor do livro Retratos do teatro (Editora Unesp).**

investe na potência de seus corpos, na capacidade de adaptação e na disposição para continuar experimentando. A linguagem circense, sob a direção artística de Adriana Marques, adquire uma dimensão simbólica que ultrapassa a demonstração de habilidades. O equilíbrio e o desequilíbrio tornam-se imagens da própria existência, com suas instabilidades, quedas, tentativas e retomadas. Há uma delicadeza particular em observar esses personagens enfrentando os desafios cotidianos com a disposição de quem ainda encontra no mundo motivos para brincar. A destreza física não pretende negar as transformações do tempo, mas revelar que elas não esgotam as possibilidades do corpo.

Guilherme Lira e Heloísa Oliveira encontram nessa construção uma expressividade que aproxima comicidade e virtuosismo circense. Seus corpos estabelecem uma dramaturgia de movimentos, pausas, gestos e situações inesperadas, na qual o riso nasce do reconhecimento das contradições da vida. A relação entre Gertrudes e Jaule também aponta para a importância dos vínculos e da convivência como formas de sustentação diante das dificuldades. O outro não aparece apenas como companhia, mas como possibilidade de experimentar, compartilhar e descobrir novas maneiras de realizar aquilo que, individualmente, poderia parecer impossível.

A casa, universo no qual a narrativa se desenvolve, constitui o território dessa reinvenção. Mais do que cenário, funciona como uma extensão da memória e da experiência dos personagens. Os objetos domésticos deixam de ser elementos exclusivamente funcionais e passam a integrar o jogo cênico, adquirindo novos significados por meio da manipulação e das relações estabelecidas com os intérpretes. A materialidade das coisas participa da dramaturgia visual, oferecendo resistências, possibilidades e surpresas. Nesse ambiente, o cotidiano perde sua aparente banalidade e revela uma dimensão extraordinária. A casa torna-se um pequeno mundo onde ainda é possível descobrir, experimentar e transformar.

Os figurinos, criados pelo Coletivo Meu Alento, e a maquiagem de Nave 012 colaboram para a construção da identidade visual dos personagens, enquanto a criação e operação de luz e sonoplastia de Rômulo Scarnini, em diálogo com a trilha sonora do coletivo, contribuem para a atmosfera e a organização rítmica da encenação. Os diferentes

elementos não se sobrepõem à ação dos intérpretes, mas acompanham a construção de um universo no qual o corpo permanece como principal gerador de imagens e sentidos.

A apresentação na 40ª edição do FestiVale trouxe ainda uma circunstância particular. A impossibilidade de ocupar o Parque da Cidade, em razão das condições climáticas, levou à adaptação de uma sala do CET. A mudança de espaço alterou a relação originalmente prevista com o ambiente aberto, estabelecendo uma configuração mais próxima e intimista entre artistas e espectadores. Essa proximidade favoreceu a percepção dos detalhes da atuação, dos pequenos gestos e das sutilezas da manipulação dos objetos, embora também tenha exigido uma reorganização das possibilidades de expansão física da cena. A adaptação acabou estabelecendo uma relação interessante com a própria temática do espetáculo: diante de uma condição inesperada, foi necessário encontrar outra maneira de realizar o encontro teatral.

Existe uma dimensão política nessa poética que merece ser destacada. Ao apresentar pessoas idosas brincando, arriscando-se, realizando acrobacias e descobrindo outras possibilidades de movimento, o espetáculo questiona a ideia de que a existência deva obedecer a uma cronologia rígida de comportamentos e capacidades. A velhice não aparece como um ponto final, tampouco como uma etapa que exige a renúncia aos desejos. Ao contrário, é apresentada como uma experiência que pode produzir outras formas de relação com o tempo, com o corpo e com o mundo. Reinventar-se não significa recuperar uma juventude perdida, mas reconhecer que cada idade oferece maneiras próprias de experimentar a vida.

Talvez seja justamente aí que “Meu Alento” encontre sua imagem mais potente: na brincadeira como gesto de resistência ao etarismo. Brincar é desafiar a seriedade imposta pelas convenções, é permitir-se errar, experimentar, cair e tentar novamente. É reivindicar o direito de continuar sendo sujeito de desejos e descobertas, independentemente da idade. Gertrudes e Jaule não precisam provar que ainda são jovens, pois a vitalidade que demonstram não depende de uma comparação com a juventude. Seus corpos afirmam outra medida para a existência, aquela que se constrói pela disponibilidade de continuar

inventando.

O título ganha, assim, uma dimensão afetiva e existencial. Meu alento é aquilo que sustenta, que anima e que oferece razões para seguir. No espetáculo, esse alento parece residir na capacidade de transformar a experiência acumulada em matéria de criação, fazendo da brincadeira uma linguagem de liberdade e da convivência uma possibilidade de renovação. O Coletivo Meu Alento constrói uma poética delicada e bem-humorada sobre o envelhecer, recusando a invisibilidade social imposta aos corpos idosos e afirmando que a imaginação não envelhece na mesma medida que o tempo passa. Afinal, reinventar-se talvez seja uma das mais belas formas de permanecer vivo.